

# MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO: PONDERAÇÕES ONTOLÓGICAS E EPISTEMOLÓGICAS<sup>1</sup>

Sílvia Adriane Tavares de Moura<sup>2</sup>

## RESUMO

No presente estudo, destaca-se a Teoria do Materialismo Histórico Dialético à luz da compreensão da teoria e revolução científica realizada por Marx. A metodologia utilizada foi a Pesquisa Bibliográfica, de natureza qualitativa, por meio de uma revisão da literatura específica para composição do aporte teórico acerca da Teoria do Materialismo Histórico Dialético. Trata-se de método crítico teórico que contribui substancialmente para o desenvolvimento de pesquisas educacionais, numa perspectiva emancipatória e contra hegemônica quando se trata de propor explicações e criar estratégias de enfrentamento aos retrocessos advindos das concepções neoliberais e gerencialistas do processo de definições das políticas públicas, sobretudo, as educacionais.

**Palavras-chave:** Materialismo Histórico Dialético; Dialética; Ontologia; Epistemologia Pesquisa Educacional.

## DIALECTIC HISTORICAL MATERIALISM: ONTOLOGICAL AND EPISTEMOLOGICAL CONSIDERATION

### ABSTRACT

In the present study the Theory of Dialectical Historical Materialism stands out in the light of Marx's understanding of the theory and scientific revolution. In order to do so, a general theoretical survey was made on the Theory of Historical Materialism. The methodology used was qualitative bibliographical research, through a literature review. It is a critical theoretical method that contributes substantially to the development of educational research, in an emancipatory and anti-hegemonic perspective when it comes to proposing explanations and creating strategies to cope with the setbacks arising from the neoliberal and managerialist conceptions of the process of defining public policies, especially the educational ones.

**Keywords:** Dialectical Historical Materialism; Dialectic; Ontology; Epistemology Educational Research.

Recebido em 24 de abril de 2021. Aprovado em 17 de agosto de 2021.

---

<sup>1</sup> Trabalho filiado a Redecentro – Rede de pesquisadores sobre professores da região Centro-Oeste e financiada pela FAPEG-Goiás.

<sup>2</sup>Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Goiás (PPGE-FE-UFG. Professora no Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música. Membro da Redecentro – Rede de Pesquisadores sobre o Professor(a) na Região Centro-Oeste/Brasil e do Gepec- Grupo de Estudos em Educação do Campo UFT. e-mail: silviaadriane@uft.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6218-0946>

## INTRODUÇÃO

No presente estudo, destaca-se a o Materialismo Histórico Dialético à luz da compreensão da teoria e revolução científica realizada por Marx e suas contribuições para as pesquisas educacionais em uma perspectiva ontológica e epistemológica.

Trata-se de método crítico teórico que contribui substancialmente para o desenvolvimento de pesquisas educacionais, numa perspectiva emancipatória e contra hegemônica, sobretudo quando se trata de propor explicações e criar estratégias de enfrentamento aos retrocessos advindos das concepções neoliberais e gerencialistas do processo de definições das políticas públicas, sobretudo, as educacionais.

Coerentemente com o método Materialismo Histórico Dialético (MHD), a metodologia assumida neste estudo, se constituiu por intermédio da Pesquisa Bibliográfica de natureza qualitativa.

A abordagem qualitativa, segundo Minayo (1997, p. 21) “trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...] dos processos e dos fenômenos”, buscando compreender a realidade social a partir das ações humanas que não podem ser quantificadas.

Para a construção teórica desse estudo, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica que teoricamente, segundo Lima e Miotto (2007, p. 38), “implica em um conjunto ordenado de procedimentos, de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” o que possibilita um vasto alcance de informações sobre o objeto, ajudando na melhor definição e construção da pesquisa. Seguindo os passos desse tipo de pesquisa, realizamos como procedimentos de pesquisa: levantamento dos estudos e produções científicas para composição do aporte teórico, os quais encontram-se relacionados ao objeto de estudo, seguida da leitura de reconhecimento do material, da leitura exploratória, da leitura seletiva e da leitura crítica e interpretativa.

Assim, entendemos que a pesquisa científica, realizada no âmbito da universidade pública – lócus de formação e construção do aprendizado –, possui (ou deveria possuir) um compromisso ético político de posicionamento teórico metodológico crítico frente à realidade social/educacional investigada, tomando como eixo norteador o reconhecimento das características presentes na práxis social/educativa, e a inter-relação entre sujeito e o objeto e sua capacidade de reconhecimento da realidade, bem como de sua transformação.

Concomitantemente, a pesquisa, enquanto criação científica, exige uma fundamentação epistemológica, palavra que vem do grego *episteme*, que significa ciência, conhecimento; e *logia*, estudo. Chizzotti (1991) define a epistemologia como uma área da filosofia que investiga a natureza do conhecimento, seus fundamentos e as justificativas que validam tal conhecimento como verdadeiro.

O conhecimento científico produzido nas universidades é alicerçado na compreensão de *episteme*, levantada por Saviani (2011), como diferentes métodos que orientam a produção do conhecimento científico sistematizado, como o positivismo, a fenomenologia, o materialismo histórico dialético, dentre outros.

Neste estudo, procurou-se construir uma abordagem sobre o Materialismo Histórico Dialético, considerando historicamente o tema enquanto enfoque de estudos, pesquisas e projetos de extensão, contendo diferentes tendências e concepções entre autores da tradição marxista e estudiosos contemporâneos. É mister reconhecer e tomar como fundamentação teórica as contribuições de autores que se debruçaram sobre a questão. Para tal, ancorou-se essa

reflexão com base em autores como Marx (1988), Hobsbawn (1998), Marx e Engels (2007), Frigotto (2008), Netto (2011), Saviani (2017), dentre outros.

Faz-se necessário destacar que este estudo se caracteriza como uma abordagem que reconhece a complexidade e universalidade da temática que requer um maior aprofundamento por suas múltiplas conceituações e ramificações das práxis.

Assim, considerando o método Materialista Histórico Dialético, como um enfoque teórico que contribui para o desenvolvimento de pesquisas educacionais, numa perspectiva emancipatória e contra hegemônica, uma questão central baliza este estudo: é possível compreender o materialismo histórico dialético em uma perspectiva ontológica e epistemológica e enquanto instrumento fundamental de análise e compreensão da realidade que tem como objeto a educação?

A compreensão do movimento materialista, histórico e dialético que ocorrem no intertexto do pensamento crítico, da formação da consciência de classes, da emancipação humana nos possibilita pensarmos numa construção autêntica da ação educativa enquanto modo de se pensar o ser em construção cotidianamente frente às circunstâncias sociais e econômicas vivenciadas no Brasil.

### *O materialismo histórico dialético: compreendendo a teoria realizada por Marx*

Toda ação que envolve a pesquisa educacional exige uma postura por parte do pesquisador de uma organicidade e coerência na relação que se estabelece com o fenômeno pesquisado. Enquanto profissionais e pesquisadores da educação, é ético que se assumam os seus respectivo posicionamento político-ideológico que é expresso academicamente, a depender do modo como se direciona teórica, metodológica e epistemologicamente sobre o olhar da pesquisa.

[...] são precisamente os homens que transformam as circunstâncias e que o próprio educador deve ser educado. [...] A coincidência da modificação das circunstâncias com a atividade humana ou alteração de si próprio só pode ser apreendida e compreendida racionalmente como práxis revolucionárias (MARX; ENGELS, 1984, p. 126).

Por essa razão, compreender a universalidade do pensamento de Marx, exige uma ruptura com o senso comum e um caminhar do abstrato para o concreto. Para que o pensamento e o fazer científico se distanciem do senso comum é necessário que a produção do conhecimento, seja pensada como processo que envolve relações entre o antes, o durante e o depois da pesquisa, que dizem sobre as formas como são estruturadas as interrogações, os objetivos, as escolhas metódicas e metodológicas, aspectos que acabam por estruturar os caminhos trilhados para as interpretações dos fenômenos sociais (MAGALHÃES; SOUZA, 2018).

Muitos esforços têm sido realizados por parte de pesquisadores educacionais em grupos de pesquisas, congressos, seminários e tantas outras iniciativas acadêmicas que visam a contextualização e estudos dos fundamentos do materialismo histórico dialético enquanto método, à medida que propicia o estabelecimento de uma relação que tem como referência a dinâmica entre sujeito e objeto, indicando de maneira concreta, alternativas de ação para responder às problemáticas analisadas.

As pesquisas educacionais orientadas pelo Materialismo Histórico Dialético, abordam seus objetivos na perspectiva histórica, a partir de suas origens, do todo e não de tudo. E ainda, buscam trabalhar com os sujeitos a ser pesquisado, um sujeito histórico e socialmente

situado, explicitando os nexos que possibilitam a compreensão do seu objeto como um concreto pensado, utilizando categorias para análises, a saber: trabalho, alienação, ideologia, classe social, contradição, negação, totalidade, universalidade, mediação, infraestrutura, superestrutura, articulando teoria e prática como práxis (SOUZA; MAGALHÃES, 2014).

Assim, ao se propor ao estudo da história do pensamento humano, depara-se com duas concepções epistemológicas, fundamentalmente opostas, sobre o mundo e a realidade. São enfoques metodológicos que apontam caminhos diferentes e conflitantes nas formas de apreender o real: a concepção metafísica, segundo a qual, o método de investigação que direciona a pesquisa, deve ser linear, a-histórico e guiado pela observação neutra e objetiva dos fenômenos, isentando de realizar uma apreensão da organização, desenvolvimento e transformação desses fenômenos no contexto social. Por concentrar-se apenas na observação do fenômeno, limita-se na aparência exterior e nos movimentos observáveis da sua representação, fazendo da pesquisa um processo técnico de descrição e explicação dos fenômenos pautados na imparcialidade do pesquisador.

Em seguida, a realidade sobre a qual a concepção materialista se debruça, traz consigo suas contradições, conflitos e transformações, evidenciando que as ideias são, de fato, reflexos do mundo exterior e objetivo vivenciado pelos sujeitos e, por isso, as ideias independentes do pensamento, são representações do real. O grande desafio do pensamento é trazer para o plano racional a dialética do real, buscando a essência do fenômeno, aquilo que está por detrás da aparência, ou seja, o caráter conflitivo, dinâmico e histórico da realidade (FRIGOTTI, 2008, p. 54).

Nesse sentido, pode-se inferir que a concepção metafísica compreendendo que a definição apriorística do método garante à pesquisa critérios de cientificidade, neutralidade e objetividade; já a concepção materialista entende que o método se constitui muito mais como uma concepção de realidade que mediará o processo de apreensão do conhecimento, do que uma simples ferramenta para medir ou observar os fenômenos sociais.

A concepção materialista funda-se na dialética da realidade. Para a dialética nada é permanente tudo está em constante transformação. “A base filosófica da dialética percorre um imenso caminho que vai de Heráclito à Hegel e de Hegel para o pensamento marxista, que instituiu uma nova dialética fundada no materialismo histórico” (RÊSES, 2016, p. 34).

Conceitualmente, o termo materialismo diz respeito à condição material de existência humana, o termo histórico parte do entendimento de que a compreensão da existência humana implica na apreensão de seus condicionantes históricos, e o termo dialético tem como pressuposto o movimento da contradição produzida na própria história. Assim, o método Materialista Histórico Dialético, caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir, pelo movimento do pensamento, as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens em sociedade através da história. Este instrumento de reflexão teórico metodológico é um caminho possível de apreensão da realidade educacional concreta, pensada, compreendida em seus mais diversos e contraditórios aspectos.

O Materialismo Histórico Dialético, de base materialista, procura, por meio de um método dialético, compreender as transformações sociais que ocorrem na sociedade, sendo este inseparável do materialismo histórico. A partir do momento que ocorre uma transformação ou mudança também se transforma e muda a história por meio da ação do homem sobre a natureza.

Embora a concepção de ciência em Marx tenha partido da ideia Hegeliana de que o desenvolvimento social resulta de um processo de conscientização daquilo que somos num

movimento de ‘tornar-se’, Marx propôs o inverso do que é defendido por Hegel ao afirmar que o que somos socialmente não é condicionado pelas ideias, são as condições sociais e históricas da existência que as condicionam, ou seja, o desenvolvimento social resulta das contradições da própria vida material (NETTO, 2012).

Para Marx (1991) o modo de produção da vida material é que condiciona o processo da vida social, política e espiritual. Não é a consciência que determina o ser social, mas sim o ser social que determina a consciência. Marx partiu do conhecimento e acúmulo intelectual existente para conceituar sua teoria e se opôs ao idealismo das teorias que consideram que só a consciência tem uma existência real e o que o mundo material, o ser e a natureza, só existiriam na consciência. “Enquanto que o materialismo filosófico parte do critério de que a matéria, a natureza, o ser são uma realidade objetiva, que existe fora da consciência humana e independentemente dela” (RODRIGUEZ, 2014, p. 132).

Segundo Marx e Engels (2007), a aparência é o ponto de partida, mas ela também esconde, mistifica a realidade da coisa. Assim, conhecer é negar a aparência, ir além da empiria. Para estes autores, o conhecimento empírico ainda não se constitui como teoria, pois seria um indicador dos processos e é um passo do conhecimento teórico. No caminhar metodológico, cabe à razão identificar esses processos, ou seja, a razão no movimento de abstração deve ir além do que é factual para que ocorra a identificação dos processos que as implicam.

O termo dialética assumiu diferentes conotações ao longo da história, mergulhado em um universo complexo e seu significado deve ser reconhecido, fazendo-se necessário tematizar a dialética no pensamento marxista. A lógica dialética toma por base o princípio da unidade entre o abstrato e o concreto no pensamento empírico-científico. Este princípio ocupa lugar central na lógica dialética; nele se baseia a construção do sistema da lógica dialética: o desenvolvimento dos juízos, conceitos, deduções, teorias científicas e hipóteses é um processo de ascensão do abstrato ao concreto.

A dialética marxista como uma das abordagens possíveis de interpretação da realidade e da realidade educacional se constitui como construção lógica possibilidade teórica de interpretação do método materialista histórico que fundamenta o pensamento marxista. O movimento do pensamento abstrato para o concreto é um meio de obtenção da autêntica objetividade no conhecimento. O método de ascensão do abstrato ao concreto é um meio pelo qual o pensamento apreende o concreto e o reproduz como espiritualmente concreto (MARX; ENGELS, 1963). E principalmente, Marx (1988), explicita que o “concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações; ele é para o pensamento um processo de síntese, um resultado. O concreto pensado, mostra-se ‘categoria básica do processo de conscientização, pois atividade prática social dos sujeitos históricos” (MARX, 198, p. 83-4).

A correlação entre empírico e o teórico não é tão esquemático e simples como parece aos representantes do empirismo, os quais se empenham por adaptar os fatos coletados às leis gerais, passando por cima de elos intermediários, deixando de lado inúmeras etapas que vão do concreto ao abstrato. “Não existe uma ligação direta e mecânica do concreto ao abstrato, nem do abstrato para o concreto. Há sim, um processo, pesquisado por Karl Marx, de ascensão do abstrato para o concreto”(CURADO SILVA; SOUSA, 2016, p.37).

O objeto de análise do Materialismo Histórico Dialético é a gênese, o desenvolvimento, a consolidação e crise do capital, cujo movimento do é adotado por Karl Marx como o ponto de partida para a análise da sociedade. Sendo assim, o vigor do pensamento marxista se apresenta como um referencial revolucionário e transformador da ordem existente, na medida em que busca romper com o capitalismo e com os processos de dominação do homem.

A perspectiva crítica do pensamento de Marx se constitui como interpretação que, simultaneamente compreende e nega o capitalismo de forma não abstrata e nem isenta, mas que adere ao seu objeto considerando os elementos ativos das relações entre pessoas, grupos e classes sociais. (Ianni, 1988, p. 9). O enfoque marxista parte de uma abordagem ontológica do conhecimento da realidade. Por isso, a fundamentação ontológica considerada mais apropriada para a construção de nossa imagem de mundo pressupõe o conhecimento de cada modo do ser, bem como de suas interações com outros seres (SAVIANI, 2017, p. 2).

Para Cunha (2016), o materialismo histórico dialético é uma abordagem que reconhece ser a ciência um produto da história, da ação do próprio homem, que está inserido no movimento das formações sociais. Nessa perspectiva, o método de se elevar do abstrato ao concreto, é uma maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, reproduzi-lo como concreto espiritual. Por essa razão, “o sujeito, a sociedade, devem figurar sempre como um pressuposto” (MARX, 1997, p. 11).

Marx e Engels (1984), elaboraram uma teoria que se disseminou entre os marxistas como materialismo histórico dialético o qual revela as conexões que estão por detrás das aparências, suas interconexões e que para sair do abstrato, é indispensável a mediação teórica do objeto, alcançando o concreto pensado, a essência. Apresenta-se como o enfoque metodológico fundamental e que significativamente vem contribuindo para o desenvolvimento de pesquisas no campo de investigação em diversas áreas do conhecimento, sobretudo na educacional.

Corroborando com a produção do conhecimento sobre a temática em uma perspectiva crítica, Magalhães; Souza (2018) afirmaram que, para Marx, a sociedade só pode ser compreendida pelas condições materiais da existência humana, pois ela se constrói mediante as relações estabelecidas entre o homem e a natureza e entre os próprios homens. Trazem ainda a seguinte definição sobre bases e princípios e categorias do materialismo histórico-dialético em que são: a matéria, a historicidade e a dialética:

[...] a materialidade expressa a organização dos homens em sociedade. Assumi-la como categoria é relacioná-la com determinada visão ontológica de mundo, cuja interpretação da realidade, sempre se dá por meio das práxis. A historicidade é categoria relacionada ao caráter histórico. Está relacionada ao fato de que os homens se organizam, diferentemente, ao longo dos tempos, por isso não há como pensá-los desvinculados do seu tempo histórico e das condições concretas, em que desenvolvem as relações sociais. A dialética tem como princípio básico a contradição, que deve ser assumida como a lógica do movimento do pensamento e, resultar na construção da tese, antítese e síntese (MAGALHÃES; SOUZA, 2018, p. 21).

Sendo assim, o método Materialismo Histórico Dialético, tal como o próprio nome expressa, analisa o processo de construção da sociedade mediante o estudo das transformações históricas da economia em um movimento dialético, organizado institucionalmente como produto das necessidades da sociedade de seu tempo. Na sociedade capitalista, as relações de produção são marcadas pelo mercado, definidas pela lei da oferta e da demanda e uma forma de regular as relações sociais que se subjazem na expropriação da mais valia do trabalho, “não resolvendo as contradições de classe, ao contrário, incrementando-as” (RODRIGUEZ, 2014, p.139).

Essa perspectiva, tem como fundamento básico a premissa de que a epistemologia do Materialismo Histórico Dialético e a corrente de pensamento marxista contribuíram e

contribuem para o conhecimento na e da humanidade, bem como a elevação da condição do ser humano e suas formas de compreensão e transformação social.

### *Materialismo Histórico Dialético: ponderações ontológicas e epistemológicas*

A relação histórica estabelecida entre elementos ontológicos e epistemológicos dependendo da base ideológica assumida em sua dinâmica delibera determinadas formas de práticas sociais que incidem na produção do conhecimento e na realidade educacional que sustentam concepções opostas a cerca do sujeito social e na relação sujeito e objeto.

Etimologicamente, o termo ontologia vem do grego *ontos* ( ser) e *logos* ( estudo/discurso) que significa “ conhecimento do ser”. Isso posto, a ontologia é identificada como a parte da filosofia que trata acerca da natureza do ser, da realidade, da existência dos entes concebidos como uma natureza comum a todos os seres. Por sua vez, filosoficamente o termo epistemologia estudo o conhecimento humano ( SEVERINO, 2007). “É estudo das possibilidades, legitimidade, valor e limites do conhecimento científico e um modo de pensar o *logos*” ( MAGALHÃES; SOUZA, 2014, p.7). A partir de uma perspectiva epistemológica, define-se uma racionalidade ou estruturas conceituais prévias, cujos princípios dizem como são sustentadas as ideias que orientam a produção do conhecimento e ainda como elemento estruturante do posicionamento epistemológico ou metódico o qual se encontram vinculados às correntes teóricas próprias de um determinado campo do conhecimento (MAGALHÃES; SOUZA, 2014).

A partir das definições dos autores acima mencionados, podemos inferir que a ontologia está relacionada a natureza humana e a epistemologia a construção do sujeito social e ao articularmos estas duas concepções, colocamos em relevo a perspectiva marxista, diante da qual, ontologia e epistemologia estão intrinsecamente ligadas a concepção de sujeito histórico considerados os condicionantes objetivos e subjetivos da existência e da essência do ser social. Assim, a ontologia significa acompanhar o como o homem enquanto ser social, responde aos acontecimentos da sociedade.

Entendemos que o desenvolvimento das relações sociais também é decorrente dos avanços e transformações do próprio trabalho. Pelo trabalho, os homens desenvolvem-se e articulam-se entre si e com a natureza ( MARX, 2010).

Saviani ( 2007), na mesma base marxista, afirmou que a essência do ser social é o trabalho. Portanto, para esse autor, a essência humana não é dada, nem uma dádiva divina ou natural, nem ao menos algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens diante do que o homem é, o torna pelo trabalho, ou seja, a essência do homem é um feito humano, logo, é um ação humana que se desenvolve , se aprofunda e intensifica no decorrer do tempo, em suma, é um processo histórico (SAVIANI, 2007). Portanto, a categoria trabalho é a base ontológica da constituição do ser social, a essência humana que possibilita a sua atividade criadora, construtora, formadora e realizadora da práxis humana em suas interações de alteridade e com a natureza. A práxis é entendida como “ ação transformadora consciente da realidade concreta na relação dialética entre teoria e prática” (SAVIANI, 2007, p.154). Nessa perspectiva, o ser social se humaniza e constitui sua identidade na materialização das relações objetivas que se entrelaçam com a própria existência na totalidade social, histórica e cultural.

Em se tratando das influências do capitalismo neoliberal sobre as relações humanas e sociais, o direcionamento político e ideológico tomado pela burguesia como classe proprietária do capital, a possibilitou controlar e organizar os processos de trabalho, bem como, as

relações sociais de produção e troca estabelecidas entre os homens. Ao instituir o capitalismo como sistema econômico e normativo, impulsionou-se uma lógica de sociabilidade orientada pelas relações de trabalho assalariado em que a atividade desempenhada por quem trabalha e produz os objetos do trabalho ( o proletário), passa a ser paga com dinheiro ( salário) por aquele ( capitalista/burguês) que detém o domínio e a propriedade sobre o capital ( as riquezas, os objetos e os meios de trabalho) ( MARX, 1996).

Assim, nas relações sociais estabelecidas no modelo capitalista de produção, tanto as atividades humanas empenhadas ( trabalho) em qualquer espaço ou processo de produção quanto o próprio homem (trabalhador), figuram-se como mercadorias inseridas nas relações comerciais e no processo de produção. Eles aparecem como elementos determinantes para a geração de outras mercadorias, que são propriedades do capitalista, este por sua vez paga por elas, mantendo a continuidade do controle sobre a produção, o comércio e também sobre o desenvolvimento das relações sociais de trabalho. Isso significa que, nestas condições, o homem/trabalhador perde sua autonomia, deixa de ter o controle sobre o seu trabalho, perde a noção da totalidade ao qual está inserido, tornando-se subordinado aos interesses e as intencionalidades do proprietário dos meios de produção para o qual vendeu sua força de trabalho.

Entretanto, na relação entre capital e trabalho estabelece-se a contradição. A evidente dependência do capital com relação ao trabalho, para que este possa se reproduzir, evidencia-se também o contrário, isto é, a dependência do trabalhador em relação ao capital. Um é a realização do outro, ao mesmo tempo em que um nega o outro (MARX, 2010). Assim, a dependência que se revela do trabalhador em relação ao capital, para que o primeiro possa existir no modo de produção e continuar reproduzindo sua existência, além de nociva ao próprio homem/trabalhador, é extremamente desigual porque destitui a condição humana de ser, uma vez que submete o trabalhador a exercer sua força de trabalho e a sua capacidade de objetivação a realização de processos de trabalhos mecânicos, extremamente parcializados e fragmentados direcionados ao acúmulo de riqueza alheia e a valorização do capital. Trabalho este que é desvinculado da intencionalidade, da consciência e do exercício da práxis que pode ser produzida pelo homem. É desigual também porque por toda a sua produção lhe é pago apenas uma pequena parte sem possibilidades de acesso a totalidade do que lhe foi produzido, tampouco os produtos que são objetivados, garantindo a propriedade privada dos meios de produção, o que possibilita a continuidade de seu domínio e exploração sobre o trabalhador.

Na perspectiva marxiana, a propriedade privada é a chave para compreendermos como o capitalismo se sustenta para garantir o domínio de uma classe sobre a outra. Mas essa sustentação ocorre porque necessariamente há um controle sobre o trabalho. Esse controle é possível porque tanto o trabalho quanto o próprio homem são considerados mercadorias e tornam-se alienados. A alienação é a categoria que sustenta a concepção de trabalho e de homem que se produz no capitalismo. Isso significa que a alienação se realiza tanto pelo estranhamento do homem em relação aos produtos resultantes do seu próprio trabalho, quanto pelo estranhamento do homem em relação ao seu próprio trabalho, gerando o estranhamento do homem em relação a si e ainda o estranhamento mútuo entre os próprios homens, elementos que justificam o fato do foco central do processo de trabalho que gera a alienação é atingir e desconstruir a ontologia do ser social.

Historicamente, a questão da epistemologia e a formação do sujeito social estão relacionadas a nova ordem política e econômica neoliberal. Nesse contexto, observa-se especial atenção pelo controle da produção do conhecimento em função do entendimento de seu relevante papel no desenvolvimento do sujeito social, configurando-se, conseqüentemente, no intenso interesse por influenciar e alterar sua epistemologia. A transformação ontológica dos



sujeitos, sobretudo quanto ao que se refere a sua relação com o trabalho, o qual sofre significativas mudanças deliberadas em função do ordenamento político e econômico imposto a América Latina, as quais, tornou o trabalho intensificado e alienado, gerando mudanças tanto na ontologia do ser social quanto nas epistemologias da produção do conhecimento que envolve a humanidade.

Em nosso entendimento, o capital condiciona histórica e dialeticamente a ontologia do ser que o torna alienado, vez que nega o sujeito como ser social e histórico como consequência, gera um trabalho expropriado e que não se desenvolve como meio de realização para a vida, alterando também o campo da epistemologia, como teoria do conhecimento que diz respeito a relação entre sujeito e objeto, no sentido de promover mudanças na produção e compreensão do conhecimento. Do ponto de vista freireano, a relação sujeito e objeto liga a consciência ao mundo e, dependendo da forma como isso ocorre, pode resultar alienação como na emancipação dos sujeitos (FREIRE, 2005).

Nesse sentido, para Frigotto (2010), não há como perder de vista o caráter dialético do trabalho, mesmo que a condição político-ideológica de nosso país exija reconhecer seu caráter negacionista, dialeticamente ainda permanece a existência da resistência que possibilita, apesar desta dimensão dúplice, a existência de mediações opostas e contraditórias, o que faz do trabalho uma atividade que segundo Antunes 2005, ao mesmo tempo em que [...] cria, também subordina, humaniza e degrada, libera e escraviza, emancipa e aliena” (ANTUNES, 2005, p. 12). É importante destacar que, como existe a contradição, a condição ontológica, humana e social do ser, apesar de continuamente ser atingida pelo capitalismo, permanecerá correspondendo a essência do homem, sua origem e sua materialidade histórica, mesmo que esteja subsumido a interesses espúrios do capitalismo.

Para Contreras (2002), a separação entre concepção e execução no processo produtivo, sendo o trabalhador mero executor de tarefas, sem poder de decisão, vez que o trabalhador perde os conhecimentos e habilidades concernentes ao planejamento e compreensão do todo para agir sobre o processo de produção diante da submissão ao controle do capital, que lhe subtrai até mesmo a capacidade de resistência a essa lógica racionalizadora que invadiu a formação docente, fazendo-a cumprir a dupla missão de desenvolver uma mão-de-obra de acordo com as necessidades da produção e de reproduzir e recriar a justificativa racionalizadora do mundo da produção mediante a “ideologia da eficácia e da neutralidade tecnológica” (CONTRERAS, 2002, p. 35).

Nesse sentido, a educação tem sido um dos principais alvos dos ataques negacionistas e das reformas políticas implementadas na América Latina e no Brasil. Não por acaso, o projeto educacional da lógica neoliberal centram suas estratégias e interesses sobre os professores, sobre sua formação e profissionalização, porque representam os trabalhadores e trabalhadoras, cuja função social está necessariamente relacionada ao conhecimento e a possibilidade que ele representa para o exercício da formação ontológica e epistemológica da humanidade rumo à emancipação e consciência de sua própria condição de classe social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse estudo foi possível reconhecer e compreender que o materialismo histórico dialético é um enfoque teórico que contribui para desvelar a realidade, pois busca apreender o real a partir de suas contradições e relações entre singularidade, particularidade e universalidade.

Esse enfoque tende a analisar o real a partir do seu desenvolvimento histórico, da sua gênese e desenvolvimento, captando as categorias mediadoras que possibilitam a sua apreensão numa totalidade. Por isso, é mais que um método investigativo, ele é, ‘ao mesmo tempo como uma postura e uma práxis, um movimento de superação e transformação’ (FRIGOTTO, 2008, p. 71).

A perspectiva de Marx se mantém atual para compreensão do desvelamento da sociedade burguesa e, quanto ao futuro previsível, teremos que defender Marx e o marxismo dentro e fora da história, contra aqueles que os atacam no terreno político e ideológico. Ao fazer isso, também estaremos “defendendo a história e a capacidade do homem de compreender como o mundo veio a ser o que é hoje, e como a humanidade pode avançar para um futuro melhor” (HOBSBAWM, 1998, p. 62).

Segundo Mészáros (2013), as pesquisas educacionais, se tomadas pela perspectiva do Materialismo Histórico Dialético entendida no bojo da complexidade e em sua totalidade social, terão seu sentido alcançado, desde que apontem para a necessidade histórica de uma mudança nas estruturas, porque não dizer, que revolucione na superação da exploração entre os homens e mulheres a partir de intervenções emancipatórias na realidade.

Marx (1996), elucida que, sem dúvida é necessário distinguir o método de exposição formalmente do método de pesquisa. A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real.

Cabe a nós pesquisadores e profissionais da educação, engajados com um projeto de formação humana e de qualidade educacional e social, ao assumirmos o Materialismo Histórico Dialético como fundamento epistemológico e como método de pesquisa, aprofundarmos em estudos de suas concepções e perspectivas, na análise de seus escritos e de seus seguidores. Que efetivamente possamos vivenciá-lo em sua realidade como práxis e conseqüentemente, tornarmos-nos sujeitos pensantes de nossa própria história.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. Apresentação. A crise da sociedade do trabalho. Fim da centralidade ou desconstrução do trabalho? In ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha: Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo; Boitempo, 2005.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- CONTRERAS, José. **A Autonomia de professores**. São Paulo. Ed. Cortez, 2002.
- CUNHA, Célio da. (Et al). **Investigação em Política e Gestão da Educação: Método, Temas e Olhares**. 1ª Ed. Belo Horizonte, MG: Traço fino, 2016.
- FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 69-90.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (org.) **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 11ª Ed. São Paulo, Cortez, 2008. Pp 71-90.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Estrutura e sujeito e os fundamentos da relação trabalho e educação**. Trabalho & Educação, 2010, nº 9, Belo Horizonte, PP.15-26, jan/jun.
- HOBSBAWM, Eric J. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.
- IANNI, Octavio. **Dialética e Capitalismo: Ensaio sobre o pensamento de Marx**. 3ª d. Ed. Vozes, Petrópolis, 1988.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de.; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálisis**. Florianópolis v. 10. n. esp., 2007.

LUKÀCS, G. (2003). **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo, Martins Fontes.

LUKÀCS, G. **Ontologia do ser social**. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. S. Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira; SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira Ribeiro de. Qualidade social e Pesquisa: uma análise epistemológica e histórica da produção acadêmica sobre professores. **Revista Profissão Docente Uberaba**, v. 15, n.33, p. 91-101, ago. - Dez. - 2015.

MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira; SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira Ribeiro de. Epistemologia da Práxis e a Produção do Conhecimento. **Revista Educação Pública**. Cuiabá, v. 27, n. 64, p. 17-40, jan. /Abr. 2018.

MARX, Karl. (2013). **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo, Boitempo. Livro 1. Trad. De Reginaldo Sant'Anna. 25.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MARX, Karl. **A Ideologia alemã**. ( Feuerbach)São Paulo: Hucitec, 1991.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Tradução de Waltensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1988.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Miséria da filosofia**. São Paulo: Global, 1995

MÉZÁROS, I. (2002) **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo, Boitempo.

MÉZÁROS, I. (2013). **O conceito de dialética em LUKÀCS**. São Paulo. Boitempo.

MINAYO, Maria. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

NETTO, José Paulo. (1994). **Introdução ao Estudo do Método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

RÊSES, Erlando; SOUSA, José Vieira de; CURADO SILVA, Kátia Augusta Pinheiro. O Materialismo Histórico Dialético e o Estudo de Políticas Públicas de Educação: Questões do Método. IN: CUNHA, Célio da. (Et al). **O método dialético na pesquisa em educação**. Campinas, Sp. Autores Associados, Brasília, UNB, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 1991.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, jan./abr., 2007.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores no Brasil: dilemas e perspectivas. **Poesis Pedagógica** - V.9, N.1 jan/jun. pp.02-19, 2011.

SAVIANI, Dermeval. Epistemologias de las políticas educativas: algunas precisiones conceptuales. In: TELLO, Cesar. **Epistemologia de la política educativa**. Campinas: Mercado de letras, 2013. p. 495-501.

SOUZA, Ruth Catarina cerqueira de.; MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira. **Pesquisas Sobre Professores (as)**: métodos, tipos de pesquisas, temas, ideário pedagógico e referenciais. Ficha de análise, instrumento de análise 3. Editora PUC, Goiás, Goiânia-GO, 2014, pp 166-167.